

“Kapverd - Civilização & Cultura” de Luís Romano

Luiz Silva

Luís Romano nasceu no ano de 1922 na Ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, donde tira a maior parte dos seus trabalhos de antropologia cultural. Viveu como estudante em São Vicente e trabalhou, na sua juventude, nas ilhas de São Nicolau e Sal, nos anos da fome e do fascismo, denunciados no célebre romance *Os Famintos*, publicado no Brasil nos princípios dos anos sessenta e que viajou clandestinamente em Cabo Verde e em todos os lugares onde os caboverdianos se levantavam contra o fascismo e a colonização. Cidadão de grande estatura, preso ao chão das Ilhas, mesmo vivendo na Terra Longe (Natal, Brasil), tem publicado também vários estudos sobre a antropologia cultural caboverdiana e a ele se deve o livro: *Cabo Verde: Civilização no Atlântico Médio*, onde procura inventariar as várias contribuições recebidas da Europa, da África e da Ásia na cultura caboverdiana. Defensor acérrimo da língua caboverdiana (o crioulo) publicou, com uma tradução para o português aproximado, um livro de poemas, *Lzimparim* e uma antologia da poesia caboverdia-

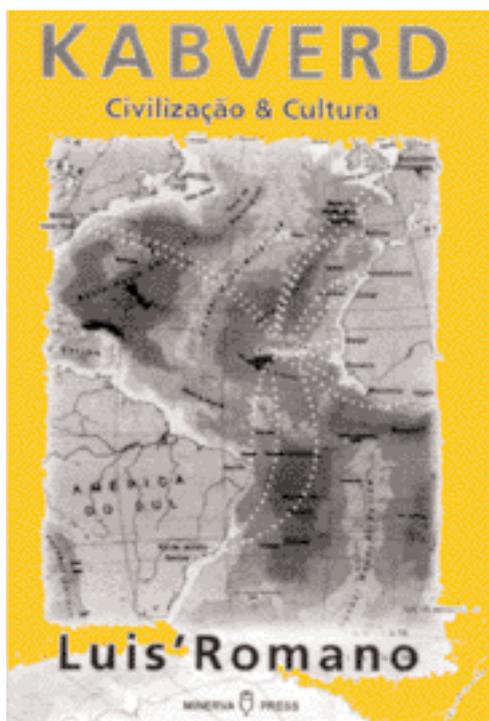
na em crioulo, nos anos setenta, em Boston, nos Estados Unidos.

Kapverd - Civilização & Cultura está dividido em duas partes: na primeira parte analisa a formação da sociedade caboverdiana como ponto estratégico das descobertas marítimas portuguesas e do comércio triangular de escravos, sem o qual o país não teria nascido. A sociedade caboverdiana nasce assim da violência da escravatura e a mestiçagem é o corolário dessa violência. Pretender que houve uma mestiçagem pacífica em Cabo Verde, fruto da paixão do homem branco pelas escravas negras, não só constitui uma aberração da história como também um insulto ao combate pela dignidade dos caboverdianos em várias latitudes, que aliás não se culminou com a Independência sagrada. As célebres frases do padre António Vieira: “há aqui clérigos e cônegos tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão autorizados, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e morigerados, que podem fazer inveja aos que lá vemos nas nossas catedrais”. Ou ainda que: “não seria necessário nessa região, que os missionários aprendessem línguas indígenas, porque essa gente fala o português à sua maneira” (António José Saraiva: “Estudos sobre Vieira” in *História e Utopia*), o que deixa aperceber que, já em meados do século XVII, houvesse um crioulo em Cabo Verde e foram longamente exploradas pelo regime de Salazar para elogiar o modelo colonial português, quando muito se sabe que, nos seus sermões, o padre António Vieira condena violentamente a escravatura, chegando mesmo a criticar a Igreja católica afirmando: “mas que teologia há ou pode haver que justifique a desumanidade e sevícia dos exorbitantes castigos com que os mesmos escravos são maltratados?” (António José Saraiva, obra citada). O padre António Vieira, também mestiço, melhor que ninguém da sua época, poderia compreender as dores e os traumas causados pela criminosa escravatura, existente em Portugal antes de 1444, data da chegada dos

portugueses na região do Cabo Verde-Senegal. A sua fotografia se ostenta em quase todos os lares dos caboverdianos adeptos da doutrina do racionalismo cristão, ladeado de dois transmontanos, Luiz de Matos e Luiz Alves Thomas fundadores, em 1910, do racionalismo cristão, no Brasil. A perseguição de que foram vítima os racionalistas cristãos pela Igreja católica e pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (Pide), devido a verticalidade dos seus militantes, comprometidos simplesmente com a verdade, marca um dos períodos fortes da luta de libertação chefiada por Amílcar Cabral, que viveu e se formou em casa do professor João Miranda, presidente da filial do racionalismo cristão de São Vicente, nos tempos de estudante liceal.

Luís Romano, na continuidade de Eugénio Tavares e Baltasar Lopes, quis antes de Cabo Verde ser Estado, definir as bases da nação caboverdiana, não em termos raciais mas sim em termos culturais, onde todos os que trabalham na construção de Cabo Verde terão o reconhecimento da nação sem qualquer exclusão. Assim a música, a língua, as artes plásticas constituem a base dos seus trabalhos. Gustave Le Bon escrevia em *Lois psychologiques de l'évolution des peuples* que “l'impression la plus claire que j'ai rapportée de mes voyages lointains les plus divers, c'est que chaque peuple possède une constitution mentale aussi bien établie que ses caractéristiques anatomiques. C'est de cette constitution mentale que découlent ses sentiments, ses pensées, ses institutions, ses croyances et son art”.

A língua caboverdiana, o crioulo caboverdiano, foi a maior vítima da colonização. Humilhada e interdita em lugares públicos, soube resistir e se impor através da música e da literatura. O crioulo e a música fariam da luta de libertação o seu combate libertador (a luta de libertação é um acto cultural - Amílcar Cabral). O combate para a conquista da identidade caboverdiana fez com que Cabo Verde fosse uma nação antes de ser um Estado. Para isso contribuíram homens



como Eugénio Tavares, o homem que inventa e dá corpo à nação caboverdiana; Pedro Cardoso, com o seu *Folclore Caboverdiano*, reeditado em Paris em 1983, com prefácios de Alfredo Margarido e Luiz Silva; Baltasar Lopes, com o *Dialecto Crioulo de Cabo Verde*, B. Leza, Gabriel Mariano, Jorge Monteiro, Abílio Duarte com as célebres mornas; Ovídio Martins, Kaoberdiano Dambara, Kwame Kondé, Luís Romano, na poesia, etc.

A segunda parte é constituída por um dicionário biográfico de homens e mulheres ligados à cultura caboverdiana, nos vários ramos da cultura e das artes. Estuda as correntes literárias em voga em certas épocas e analisa também as contribuições culturais dos músicos (Voz de Cabo Verde, Manuel de Novas, Sérgio Frusoni, Jorge Monteiro, Abílio Duarte), e das artes plásticas na consciencialização política caboverdiana. Dá especial relevo a Manuel Figueira que, ao ilustrar os livros de poemas de Kwame Kondé e Gabriel Mariano, confirmava as tentativas de Abílio Duarte em integrar as artes plásticas na luta de libertação. Revela figuras que, sem produzirem obras importantes, exerceram um papel determinante na vida cultural caboverdiana, como António Augusto, um daqueles que rejeitou tudo para se poder fixar no seu Paúl, Santo Antão; um Jaime Figueiredo, crítico literário; um João Cleófas Martins (Nhô Djunga), que, com o seu humor, denunciava as frustrações duma certa elite caboverdiana e o regime colonial; João Lopes, um homem de elevada dignidade humana e formador de muitos jovens, etc.

Luís Romano, lá no longe, continua perto da sua ribeira, onde nasceu e que tem muitas estórias por contar. Pensar nele, no exílio, no Nordeste do Brasil, face às mesmas secas, nos faz sofrer. Não se compreende que, num país com mais de duzentos anos de história da emigração, ainda não haja da parte do governo de Cabo Verde uma política de terceira idade capaz de fazer regressar a Cabo Verde aqueles que já se encontram reformados no estrangeiro. São homens que trazem a sua experiência e o seu saber e ainda as suas reformas que poderiam até criar uma variante económica, como acontece em algumas regiões da Itália, principalmente em Bolonha. Alguns se queixam que Cabo Verde não pode fornecer uma assistência médica adequada às suas necessidades. Ainda somos obrigados a transferir mensalmente caboverdianos para hospitais de Portugal, pois não temos mesmo um aparelho para fazer

diálises e muitos patrióticos são obrigados a ficar no estrangeiro. O embaixador de Cabo Verde em Portugal, numa atitude corajosa, denunciou recentemente a situação dos doentes caboverdianos em Portugal, que, aliás, não recebem a tempo as pensões de Cabo Verde e, muitas vezes, são obrigados a se prostituírem para a sua própria sobrevivência física.

Situação inexplicável, quando Cabo Verde possui médicos de grande qualidade em quase todas as partes do Mundo, seja em França, Estados Unidos, Holanda e em Portugal onde consta exercer mais de trezentos médicos nas diversas especialidades e que encontram dificuldades da classe médica caboverdiana de regressar ao país. Não seria a Ordem dos Médicos Caboverdianos, se não fosse a principal responsável da situação, a denunciar as carências do sistema de saúde em Cabo Verde?

Luís Romano foi nos anos sessenta a voz da consciência caboverdiana, graças à publicação, no Brasil, do seu romance *Os Famintos*, onde descreve a violência das fomes nos anos quarenta em Cabo Verde. Com esse livro, escrito em Cabo Verde, andou pelo Senegal, Marrocos e França antes de se aterrar em Natal, no nordeste brasileiro, como técnico salineiro. O livro é publicado em 1962, no Rio de Janeiro, e serviu de elemento de consciencialização política dos militantes da Independência para os caboverdianos espalhados pelo Mundo. Graças ao apoio da maçonaria portuguesa, conseguiu introduzi-lo em Portugal e nas antigas colónias portuguesas. Homem modesto, como o chão da terra amada da sua Ilha de Santo Antão, apoiou muitos jovens em procura dum engajamento político e cultural para exprimirem as suas ânsias e revoltas. Publicou em todas as revistas de combate dos emigrantes, em especial, *Nos Vida*, na Holanda, e *Kaoberdi Pa Diante*, em Paris, e ainda a revista *Morabeza*, associado ao grande poeta bravense Artur Vieira, que também assinou poesia com o pseudónimo de Juca Bravense.

Kapverd - Civilização & Cultura é o fruto de cinco séculos de colonização com todos os seus dramas, marcados por injustiças e revoltas sem que a consciência universal tivesse levantado o seu dedo acusatório como



Luís Romano e Luiz Silva (Praia, Santiago, 1982
Photo Frei A. Fidalgo Barros)

fez contra o fascismo ou o comunismo. O poeta antilhês Aimé Césaire, ao associar o nazismo e o comunismo ao imperialismo colonial, dizia: “Ce que le très chrétien bourgeois du XX^e siècle ne pardonne pas à Hitler, ce n’est pas le crime en soi, ce n’est pas l’humiliation de l’homme en soi, c’est le crime contre l’homme blanc [...] d’avoir appliqué à l’Europe des procédés colonialistes dont ne relevaient jusqu’ici que les arabes, les coolies de l’Inde et des nègres d’Afrique”. No momento em que se pede que os povos africanos sejam indemnizados pelos crimes do colonialismo e da escravatura, havendo posições diversas sobre a questão, (o que requer desde já que as dívidas dos países africanos sejam anuladas e uma política de cooperação com os países africanos) não podemos deixar de fazer as chamadas necessárias de justiça para os homens de cultura que souberam resistir e fazer manter sempre vivas as nossas tradições orais, etc. São estes os grandes heróis da África Mãe que, mais do que qualquer feito de armas, merecem ser homenageados como verdadeiros heróis nacionais.

Com *Kapverd - Civilização & Cultura* pretendeu Luís Romano, pelas suas próprias palavras, engrandecer e dignificar *Nos’Pove*, como sempre o fez. A história, certo, no seu julgamento implacável, lhe atribuirá um lugar cimeiro como escritor e, acima de tudo, como caboverdiano humilde, fiel servidor da sua pátria amada: Cabo Verde. *O corpo que é escravo vai, o coração que é livre fica*, provérbio caboverdiano citado por Baltasar Lopes no romance *Chiquinbo* (Actes Sud) ●